

Mais de 30 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

A IRMÃ DESAPARECIDA

As Sete Irmãs | Livro 7

A História da Sétima Irmã



A IRMÃ
DESAPARECIDA

Título original: *The Missing Sister*
Copyright © 2021 por Lucinda Riley
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Lemberg Reisner
preparo de originais: Beatriz D'Oliveira
revisão: Luíza Côrtes e Midori Hatai
diagramação: Valéria Teixeira
capa: Raul Fernandes
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R43i

Riley, Lucinda, 1966-2021
A irmã desaparecida / Lucinda Riley ; [tradução Simone Reisner]. -
1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.
656 p. ; 23 cm. (As Sete Irmãs ; 7)

Tradução de: The missing sister
Sequência de: A irmã do sol
ISBN 978-65-5565-159-1

1. Ficção irlandesa. I. Reisner, Simone. II. Título. III. Série.

21-71726

CDD: 828.99153

CDU: 82-3(410.7)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

“Coragem é saber o que não temer.”

PLATÃO



Personagens

ATLANTIS

Pa Salt – *pai adotivo das irmãs [falecido]*

Marina (Ma) – *tutora das irmãs*

Claudia – *governanta de Atlantis*

Georg Hoffman – *advogado de Pa Salt*

Christian – *capitão da lancha da família*

AS IRMÃS D'APLIÈSE

Maia

Ally (Alcíone)

Estrela (Astérope)

Ceci (Celeno)

Tiggy (Taígeta)

Electra

Mérope (desaparecida)

Mary -Kate

Vale Gibbston, Nova Zelândia

Junho de 2008

Lembro exatamente onde estava e o que estava fazendo quando vi meu pai morrer. Estava exatamente onde estou agora, inclinada sobre o parapeito de madeira da varanda que cerca nossa casa, observando os colhedores de uva abrindo caminho ao longo das ordenadas fileiras de videiras transbordando com a produção anual. Estava prestes a descer os degraus para me juntar a eles, quando, pelo canto do olho, vi a grande figura do meu pai de repente desaparecer de vista. No início, pensei que ele tinha se ajoelhado para colher algum cacho de uvas ignorado – ele detestava qualquer tipo de desperdício, algo que atribuía à mentalidade presbiteriana de seus pais, que eram escoceses –, mas então vi os catadores das fileiras mais próximas correrem em direção a ele. Entre a varanda e o local onde ele estava havia uns bons 100 metros, e apertei o passo para alcançá-lo; quando cheguei lá, alguém havia aberto sua camisa e estava tentando ressuscitá-lo, comprimindo seu peito e fazendo respiração boca a boca, enquanto outro homem ligava para pedir socorro. Demorou vinte minutos para a ambulância chegar.

Mesmo enquanto ele era colocado na maca, pude perceber que eu nunca mais ouviria sua voz forte e profunda, de enorme gravidade, mas que podia virar uma gargalhada estrondosa em menos de um segundo. Enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto, beijei gentilmente sua face avermelhada e curtida pelo sol, mas já com um aspecto ceroso. Disse-lhe que o amava e me despedi. Em retrospecto, percebo que toda aquela experiência terrível foi surreal – era incompreensível a transição de um ser humano tão cheio de vida para, bem... para nada além de um corpo vazio, inerte.

Depois de meses padecendo de dores no peito e fingindo serem indigestão, papai finalmente fora persuadido a ir ao médico. Contaram a ele que tinha colesterol alto e que devia manter uma dieta. Minha mãe e eu nos desesperamos quando ele continuou a comer o que queria e a beber uma

garrafa de seu próprio vinho tinto no jantar todas as noites. Portanto, não devia ter sido um choque quando o pior aconteceu. Talvez nós o considerássemos indestrutível, sua personalidade imponente e sua alegria contribuindo para essa ilusão, mas, como minha mãe observara com ar sombrio, somos todos feitos apenas de carne e osso. Pelo menos ele viveu do jeito que queria até o fim. Além disso, tinha 73 anos, um fato que eu simplesmente não conseguia assimilar, dada sua força física e seu entusiasmo pela vida.

O resultado foi que me senti enganada. Afinal, eu tinha apenas 22 anos e, mesmo sabendo que tinha chegado tarde na vida dos meus pais, só constatei o que isso significava quando papai morreu. Nos poucos meses depois que o perdemos, senti raiva pela injustiça: *por que* eu não entrara em suas vidas mais cedo? Meu irmão mais velho, Jack, que tinha 32 anos, aproveitara uma década a mais com papai.

Era óbvio que mamãe percebia a minha raiva, embora eu nunca tivesse dito nada a ela abertamente. Então me senti mal, porque afinal ela não tinha culpa, de forma alguma. Eu a amava muito – sempre fomos muito próximas, e era evidente que ela também estava sofrendo. Fizemos o possível para nos confortarmos e, de alguma forma, enfrentamos tudo unidas.

Jack também havia sido maravilhoso, passando a maior parte do tempo lidando com a terrível burocracia que se segue à morte. Ele teve que assumir o comando do Vinery, o vinhedo que mamãe e papai haviam começado do zero, mas pelo menos papai o havia preparado bem para administrá-lo.

Desde criança, papai levava Jack junto quando cumpria o ciclo anual de cuidados com suas preciosas videiras, que, entre fevereiro e abril, dependendo do tempo, geravam as uvas que seriam colhidas e resultariam nas deliciosas – e recentemente premiadas – garrafas de *pinot noir* que estavam empilhadas no armazém, prontas para serem exportadas por toda a Nova Zelândia e Austrália. Jack o acompanhava em cada etapa do processo e aos 12 anos provavelmente já teria sido capaz de dirigir a equipe, tamanho era o conhecimento que papai lhe tinha proporcionado.

Aos 16 anos, Jack anunciara oficialmente que queria se juntar à empresa e, um dia, dirigir o Vinery, o que deixara papai muito contente. Ele então foi estudar administração e depois começou a trabalhar em tempo integral no vinhedo.

– Não há nada melhor do que deixar um legado saudável – dissera papai,

com alegria, alguns anos atrás, depois que Jack passara seis meses em um vinhedo em Adelaide Hills, na Austrália, e papai o declarara pronto para assumir a empresa.

– Talvez você venha trabalhar conosco também um dia, Mary-Kate. Um brinde para que continuemos a ser a família McDougal de produtores de vinho nesta terra, por centenas de anos!

Enquanto Jack embarcara no sonho de papai, o oposto acontecera comigo. Talvez fosse por Jack ser uma pessoa genuinamente encantada pela fabricação de belos vinhos; além de ter um olfato capaz de detectar uma uva ruim a 1 quilômetro de distância, ele era excelente com os negócios. Por outro lado, eu havia passado a infância e a juventude vendo papai e Jack patrulharem as videiras e trabalharem no que era carinhosamente conhecido como “O Laboratório” (na verdade, nada mais era do que um grande galpão coberto por um telhado de zinco), mas outras coisas tinham captado o meu interesse. Agora, eu não considerava o Vinery parte de mim e do meu futuro. Isso não me impedia de trabalhar em nossa pequena loja durante as férias nem de ajudar onde fosse necessário, porém o vinho simplesmente não era a minha paixão. Embora papai parecesse desapontado quando eu disse que queria estudar música, teve a delicadeza de tentar me compreender.

– Muito bem – comentou ele, me abraçando. – Música é muito importante, Mary-Kate. Como você vê sua futura carreira?

Timidamente, eu contei que, no futuro, gostaria de ser cantora e de compor minhas próprias canções.

– É um sonho grandioso, e só posso desejar a você muita sorte e garantir que sua mãe e eu estaremos sempre ao seu lado, viu?

– Eu acho maravilhoso, Mary-Kate, de verdade – disse mamãe. – Expressar-se através da música é mágico.

E assim decidi estudar música na Universidade de Wellington, que oferecia um diploma de reconhecimento mundial, e amei cada minuto que passei lá. Ter um estúdio de última geração para gravar minhas canções, estar cercada por outros alunos que viviam e respiravam a mesma paixão, tudo isso tinha sido incrível. Acabei formando uma dupla com Fletch, um grande amigo que tocava guitarra rítmica e tinha uma voz que se harmonizava com a minha. Passei a tocar teclado; tivemos a oportunidade de fazer alguns shows em Wellington e nos apresentamos em nosso concerto de

formatura no ano anterior, a primeira vez que minha família me viu cantar e tocar ao vivo.

– Estou tão orgulhoso de você, MK... – elogiou papai, envolvendo-me em um abraço.

Foi um dos melhores momentos da minha vida.

– Agora, aqui estou eu, um ano depois. Abandonei tudo o que aprendi e ainda vivo cercada por videiras – murmurei. – Sinceramente, MK, você realmente pensou que a Sony viria implorar para você assinar um contrato de gravação?

Desde que saí da universidade, há um ano, fui ficando cada vez mais deprimida em relação à minha futura carreira, e a morte de papai fora um grande golpe em minha criatividade. Parecia que eu tinha perdido dois dos amores da minha vida ao mesmo tempo, ainda mais porque um sempre estivera extremamente ligado ao outro. Foi o amor do papai por cantoras e compositoras que despertou minha paixão musical. Fui criada ouvindo Joni Mitchell, Joan Baez e Alanis Morissette.

Meu tempo em Wellington também me mostrou quanto minha infância tinha sido privilegiada e idílica, no glorioso Jardim do Éden que era o Vale Gibbston. As montanhas que se erguiam ao nosso redor forneciam uma barreira física reconfortante, enquanto na terra fértil crescia magicamente uma abundância de frutas suculentas.

Lembrei que Jack, ainda adolescente, me enganava, me fazendo comer as groselhas selvagens que cresciam em arbustos espinhosos atrás de nossa casa. Lembrei-me de sua risada enquanto eu cuspi a fruta azeda. Naquela época, eu passeava livre, meus pais despreocupados; eles sabiam que eu estava perfeitamente segura no lindo campo que nos cercava, brincando nos riachos frescos e claros, perseguindo coelhos pelo gramado denso. Enquanto meus pais trabalhavam no vinhedo fazendo de tudo, desde plantar as videiras, protegê-las de insetos famintos, depois colher e amassar as uvas, eu vivia em meu próprio mundo.

O brilho da manhã foi subitamente eclipsado por uma nuvem, cobrindo o vale de um verde-cinza mais escuro. Era um aviso de que o inverno estava chegando e, não pela primeira vez, eu me perguntei se tinha tomado a decisão certa de passar a estação ali. Dois meses antes, mamãe havia mencionado a ideia de decolar no que chamou seu “Grand Tour” pelo mundo para visitar amigos que não via há anos. Ela perguntou se eu queria ir

junto. Na época, eu ainda esperava que a fita demo que tinha feito com Fletch, distribuída para gravadoras ao redor do mundo pouco antes de papai morrer, produzisse algum interesse. No entanto, as respostas anunciando que nossa música não era o que o produtor estava “procurando no momento” se acumulavam em uma prateleira do meu quarto.

– Querida, nem preciso dizer que o mercado da música é um dos mais difíceis de entrar – comentou mamãe.

– É por isso que eu acho que devia ficar aqui – retruquei. – Fletch e eu estamos trabalhando em coisas novas. Não posso abandonar o barco.

– Não, é claro que não pode. Pelo menos você tem o Vinery para se dedicar, se nada der certo – acrescentou ela.

Eu sabia que ela só estava sendo gentil e que eu devia ser grata por poder ganhar dinheiro trabalhando na loja e ajudando com a contabilidade. Mas, quando olhei para fora, para o meu Jardim do Éden, soltei um suspiro profundo, pois a ideia de ficar ali para o resto da vida não me parecia tão boa, por mais segura e agradável que fosse. Tudo havia mudado desde que eu fora para a universidade, mais ainda depois da morte de papai. Parecia que, sem a presença dele, o coração daquele lugar parara de bater. E não ajudava em nada o fato de Jack – que, antes da morte de papai, concordara em passar o verão em um vinhedo do Vale do Rhône, na França – ter conversado com mamãe e decidido manter a viagem.

– O futuro do negócio está nas mãos de Jack agora, e ele precisa aprender o máximo que puder – observou mamãe. – Temos Doug, nosso gerente, para administrar o vinhedo. Além disso, é a temporada mais tranquila e o momento perfeito para Jack viajar.

Porém, desde que mamãe saíra em seu “Grand Tour”, no dia anterior, e com Jack longe, não havia dúvida de que eu estava me sentindo muito sozinha e em risco de afundar ainda mais na tristeza.

– Eu sinto a sua falta, papai – murmurei, entrando para tomar o café da manhã, embora não estivesse com fome.

A casa silenciosa só piorava o meu estado de espírito; durante toda a minha infância, o local vivia preenchido por burburinhos – se não fossem fornecedores ou catadores, eram os visitantes do vinhedo, com quem papai gostava de conversar. Além de distribuir amostras de seus vinhos, ele costumava convidá-los para uma refeição. Ser hospitaleiro e amigável era apenas o jeito neozelandês de viver, e eu estava acostumada a me juntar

a estranhos em nossa grande mesa de pinho com vista para o vale. Não tinha ideia de como minha mãe era capaz de fornecer montes de comida saborosa sem receber nenhum aviso prévio, mas ela conseguia, e com papai criando um ambiente bem-humorado, havia muita diversão e risos.

Também sentia falta de Jack e da energia calma e positiva que ele emanava. Meu irmão adorava implicar comigo, mas eu sabia que ele estava sempre do meu lado, me protegendo.

Peguei a caixa de suco de laranja da geladeira e esvaziei-a em um copo; em seguida, me esforcei para cortar um pão duro do dia anterior. Eu o torrei para torná-lo comível, então comecei a escrever uma lista de compras rápidas para encher a geladeira. O supermercado mais próximo ficava em Arrowtown e eu precisaria ir até lá em breve. Embora mamãe tivesse deixado comida pronta no congelador, era estranho descongelar as grandes vasilhas de plástico só para mim.

Estremeci ao levar a lista até a sala de estar e me sentar no velho sofá, em frente à enorme chaminé, construída com a pedra vulcânica cinza que abundava na área. Foi aquela pedra que convencera meus pais, trinta anos antes, de que deviam comprar o que antes era uma cabana com um único cômodo no meio do nada. Não tinha água corrente nem banheiro, e tanto mamãe quanto papai gostavam de lembrar como, naquele primeiro verão, eles e Jack, com apenas 2 anos de idade, usavam o riacho que corria entre as rochas atrás da cabana para se banhar, e um buraco no chão como vaso sanitário.

– Foi o verão mais feliz da minha vida – dizia mamãe. – E no inverno ficou ainda melhor, por causa do fogo.

Mamãe era obcecada por fogo de verdade e, assim que a primeira geada aparecia no vale, papai, Jack e eu éramos enviados para pegar lenha no armazém, já bem seca, pois fora cortada havia meses. Nós a empilhávamos nos nichos de ambos os lados do peitoril da chaminé, então mamãe colocava a lenha na lareira e o ritual, que a família chamava de “a primeira luz”, acontecia quando ela acendia um fósforo. A partir daquele momento, o fogo ardia alegremente todos os dias dos meses de inverno, até que os jacintos e as campânulas brancas (cujos bulbos mamãe encomendara da Europa) comesçassem a florescer sob as árvores, entre setembro e novembro: a nossa primavera.

Talvez eu devesse acender um fogo agora, pensei, imaginando o brilho quente e acolhedor que me recebera em dias congelantes durante toda a

minha infância, quando eu chegava da escola. Se papai era o coração da vinícola, mamãe e seu fogo eram o coração da casa.

Interrompi meus pensamentos, decidindo que era jovem demais para começar a reviver o passado, rememorar a infância, em busca de conforto. Eu precisava de companhia, só isso. O problema era que quase todos os meus amigos ou estavam no exterior, desfrutando de seus últimos momentos de liberdade antes de se estabelecerem e encontrarem empregos, ou já estavam trabalhando.

Tínhamos um telefone fixo em casa, mas o sinal da internet era intermitente no vale. Enviar e-mails era uma dificuldade, e papai muitas vezes preferia dirigir meia hora até Queenstown e usar o computador de seu amigo, um agente de viagens, para enviá-los. Ele sempre chamou nosso vale de “Brigadoon”, como no antigo filme sobre uma aldeia que só acordava por um dia a cada século, para que nunca fosse transformada pelo mundo exterior. Bem, talvez o vale fosse mesmo Brigadoon – ele certamente permanecia mais ou menos inalterado –, mas não era o lugar ideal para uma cantora e compositora iniciante deixar sua marca. Meus sonhos estavam cheios de Manhattan, Londres ou Sydney, aqueles edifícios imponentes que abrigavam produtores musicais que fariam de Fletch e de mim grandes estrelas...

O toque do telefone interrompeu meus pensamentos e eu me levantei para atender antes que desligassem.

– Você ligou para o Vinery – repeti, como fazia desde a infância.

– Oi, MK, é Fletch – disse ele, usando o apelido pelo qual todos, exceto minha mãe, me chamavam.

– Ah, oi – respondi, o coração acelerando. – Alguma notícia?

– Nada, eu só pensei em aceitar sua oferta de ir ficar aí com você. Tenho alguns dias de folga do café e preciso sair da cidade. Que tal?

E eu preciso ir para a cidade...

– Ah, que ótimo! Venha quando quiser. Estou por aqui.

– Que tal amanhã? Eu vou dirigindo, então devo demorar um pouquinho. Isso se a Sissy der conta, é claro.

Sissy era a van na qual Fletch e eu íamos aos nossos shows. Tinha 20 anos, estava enferrujada em todos os lugares possíveis e arrotava fumaça pelo escapamento avariado, que Fletch havia fixado temporariamente com uma corda. Torci para que Sissy conseguisse fazer a viagem de três horas de Dunedin, onde Fletch morava com sua família, até minha casa.

– Então você chega mais ou menos na hora do almoço? – perguntei.

– Sim, mal posso esperar. Você sabe que eu amo esse lugar aí. Talvez a gente possa passar algumas horas ao piano, criando umas coisas, o que acha?

– Pode ser – respondi, sabendo que não estava em um momento particularmente criativo. – Ok, Fletch, vejo você amanhã.

Desliguei o telefone e voltei para o sofá, sentindo-me mais bem-disposta agora que Fletch estava a caminho – ele sempre me animava com seu senso de humor e seu otimismo.

Ouvi um grito vindo lá de fora e depois um apito, o som que Doug, o gerente do vinhedo, usava para nos alertar de sua chegada. Levantei-me, fui à varanda e vi Doug e um grupo de fortes habitantes das Ilhas do Pacífico andando pelas videiras nuas.

– Oi! – gritei.

– Oi, MK! Só estou levando a turma para mostrar a eles por onde começar a poda – respondeu Doug.

– Tudo bem. Ótimo. Oi, pessoal! – gritei para a equipe dele, e todos acenaram em resposta.

A presença deles havia quebrado o silêncio e, quando o sol apareceu por trás de uma nuvem, ver outros seres humanos e saber que Fletch viria no dia seguinte melhorou meu humor.

2

Atlantis
Lago Genebra, Suíça
Junho de 2008

— **V**ocê está pálida, Maia. Está se sentindo bem? – perguntou Ma ao entrar na cozinha.

– Estou bem, só não dormi direito na noite passada, pensando na bomba que Georg soltou ontem à noite.

– Foi mesmo uma bomba. Café? – ofereceu Ma.

– Não, obrigada. Vou tomar um pouco de chá de camomila, se tiver.

– Claro que temos – respondeu Claudia.

Seus cabelos grisalhos estavam presos com firmeza no coque habitual. Em seu rosto, geralmente sério, brilhava um sorriso para Maia enquanto ela colocava uma cesta de pães e doces recém-preparados na mesa da cozinha.

– Eu tomo todas as noites antes de dormir – completou ela.

– Você não deve estar se sentindo bem, Maia. Eu nunca a vi recusar um café logo de manhã – comentou Ma, pegando uma xícara para si.

– Hábitos foram feitos para serem mudados – disse Maia, em um tom cansado. – E ainda estou sofrendo com o jet lag, lembra?

– Claro, *chérie*. Por que você não toma o café da manhã e volta para a cama para tentar dormir?

– Não, Georg falou que viria mais tarde para discutir o que faremos a respeito... da irmã desaparecida. Vocês acham que as fontes dele são confiáveis?

– Não tenho a menor ideia – respondeu Ma, com um suspiro.

– *Acho, sim* – interrompeu Claudia. – Ele não teria aparecido aqui à meia-noite se não tivesse certeza.

– Bom dia, pessoal – disse Ally, juntando-se a elas na cozinha.

Bear estava enfiado em um sling amarrado contra seu peito, a cabeça balançando enquanto cochilava. Uma de suas mãozinhas segurava uma mecha dos cachos vermelho-dourados de Ally.

– Quer que eu o coloque no berço? – perguntou Ma.

– Não, ele vai acordar e chorar assim que perceber que está sozinho. Nossa, Maia, você está pálida – comentou Ally.

– Foi exatamente o que eu acabei de dizer – murmurou Ma.

– Sério, estou bem – repetiu Maia. – A propósito, Christian está por aí? – perguntou a Claudia.

– Está, mas já vai sair de barco até Genebra, para comprar uns suprimentos para mim.

– Então você pode ligar e avisar que vou com ele? Tenho algumas coisas para fazer na cidade e, se sairmos logo, consigo voltar a tempo de ver Georg ao meio-dia.

– Claro – disse Claudia, pegando o telefone para ligar para Christian. Ma colocou uma xícara de café diante de Ally.

– Eu tenho algumas tarefas para fazer, então vou deixar vocês duas desfrutarem do café da manhã.

– Christian disse que o barco estará pronto em quinze minutos – avisou Claudia, colocando o aparelho no gancho. – Agora tenho que ir ajudar Marina.

Ela meneou a cabeça para as duas e saiu da cozinha.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou Ally à irmã quando ficaram sozinhas. – Você está mais branca que papel.

– Por favor, não se preocupe, Ally. Acho que foi algo que comi no avião. – Maia tomou um gole de chá. – Meu Deus, é estranho aqui, não é? Quero dizer, a maneira como tudo continua igual a quando papai estava vivo? Só que ele não está mais, então sempre parece que está faltando alguma coisa.

– Já estou aqui há algum tempo, então me acostumei, mas é verdade.

– Por falar em estar com cara de doente, Ally, você perdeu muito peso...

– Foram só os quilinhos da gravidez...

– Acho que não foi só isso, não. A última vez que a vi foi há um ano, quando você saiu daqui para se juntar ao Theo na regata Fastnet. Você nem estava grávida na época.

– Na verdade, eu estava, mas não sabia – informou Ally.

– Quer dizer que você não teve nenhum sintoma? Nenhum enjoo matinal ou coisa parecida?

– Não no início. Começou em torno de oito semanas, se me lembro bem. E então comecei a me sentir mal de verdade.

– Bem, você está magra demais, com certeza. Talvez não esteja se cuidando direito.

– Quando estou sozinha, nunca parece valer a pena cozinhar. Além disso, mesmo que eu me sente para comer, normalmente tenho que sair da mesa várias vezes para fazer alguma coisa para o meu pequeno.

Ally acariciou a bochecha de Bear.

– Deve ser bem difícil criar um bebê sozinha.

– É mesmo. Quero dizer, eu tenho meu irmão, Thom, mas, como ele é o segundo maestro da Filarmônica de Bergen, eu só o vejo aos domingos. E às vezes nem isso, quando ele está em turnê no exterior com a orquestra. O que me incomoda não é o fato de não dormir e de ter que alimentá-lo e trocá-lo constantemente; é só a falta de alguém para conversar, ainda mais quando Bear não está bem e eu fico preocupada com ele. Então, ter Ma por perto tem sido maravilhoso, ela sabe tudo sobre bebês.

– Ela é a melhor avó do mundo. – Maia sorriu. – Pa teria ficado tão feliz com Bear... Ele é tão lindinho... Agora preciso ir me arrumar.

Quando Maia se levantou, Ally segurou a mão de sua irmã mais velha.

– É tão bom ver você... Senti muito a sua falta.

– E eu, a sua. – Maia beijou o topo da cabeça de Ally. – Vejo você mais tarde.



– Ally! Maia! Georg está aqui! – gritou Ma para o alto da escadaria principal, ao meio-dia.

Um abafado “Estou indo” veio do último andar.

– Lembra quando Pa Salt lhe deu de Natal um megafone antigo de latão? – indagou Georg.

Ele sorriu enquanto seguia Ma até a cozinha e depois à varanda ensolarada. Parecia muito mais sereno do que na noite anterior, os cabelos grisalhos bem escovados para trás, vestindo um terno listrado impecável, bem alinhado, com um pequeno lenço no bolso.

– Lembro – respondeu Ma, indicando que Georg se sentasse sob o guarda-sol. – Claro que não fez diferença, porque todas as meninas ouviam música no volume máximo ou estavam tocando instrumentos ou discutindo umas com as outras. O último andar parecia a Torre de Babel. E eu adorava.

Bem, eu tenho licor de sabugueiro da Claudia ou seu rosé provençal favorito. O que você prefere?

– Como o dia hoje está tão lindo e eu ainda não bebi minha primeira taça de rosé, vou escolher a segunda opção. Obrigado, Marina. Posso fazer as honras para nós dois?

– Ah, não, não posso. Tenho trabalho esta tarde e...

– Ora, você é francesa! Certamente uma taça de rosé não vai atrapalhar. Na verdade, eu insisto – disse Georg, enquanto Maia e Ally se juntavam a eles na varanda. – Olá, meninas. – Georg se levantou. – Posso lhes oferecer uma taça de rosé?

– Aceito uma dose pequena. Muito obrigada, Georg – respondeu Ally, sentando-se. – Talvez ajude Bear a dormir esta noite. É minha esperança – comentou ela, rindo.

– Eu não quero, obrigada – recusou Maia. – Sabe, eu quase me esqueci de como é bonito aqui em Atlantis. No Brasil tudo é tão... *grande*; o povo é barulhento, a natureza é vibrante, o calor é forte. Tudo aqui parece relativamente suave e agradável.

– Com certeza é muito tranquilo – concordou Ma. – Somos abençoados por viver em meio a toda essa beleza natural.

– Quanta saudade eu senti da neve – murmurou Maia.

– Você precisa passar um inverno na Noruega; sua saudade vai embora rapidinho. – Ally sorriu. – O pior é a chuva que não para. Em Bergen chove muito mais do que neva. Bom, agora, Georg, você pensou mais sobre o que nos revelou ontem à noite?

– Só pensei que precisamos discutir o que vamos fazer daqui para a frente. Um de nós deve ir ao endereço que tenho para verificar se essa mulher é mesmo a irmã desaparecida.

– Se formos, como vamos saber se é ela ou não? – perguntou Maia. – Tem alguma forma de identificá-la?

– Me deram um desenho de um... de uma joia que aparentemente foi dada a ela. É muito incomum. Se estiver com ela, estará confirmado. Eu trouxe o desenho comigo.

Georg estendeu a mão e puxou um papel de sua fina pasta de couro. Ele o colocou na mesa para todos verem.

Ally analisou o desenho de perto, com Maia olhando por cima de seu ombro.

– Foi desenhado de memória – explicou Georg. – As pedras preciosas são esmeraldas. A pedra central é um diamante.

– É lindo – comentou Ally. – Veja, Maia, estão dispostas em forma de uma estrela, com... – ela fez uma pausa para contar – ... sete pontas.

– Georg, você sabe quem fez isso, originalmente? – perguntou Maia. – É um design bastante incomum.

– Temo que não – respondeu Georg.

– Foi Pa quem desenhou isso? – indagou Maia.

– Foi ele, sim.

– Uma estrela de sete pontas para sete irmãs... – concluiu Ally.

– Georg, você contou ontem à noite que o nome dela era Mary – disse Maia.

– Isso mesmo.

– Pa Salt a encontrou, quis adotá-la, então algo aconteceu e ele a perdeu?

– Tudo o que sei é que pouco antes de... falecer, ele recebeu algumas novas informações e me pediu para acompanhar. Depois de descobrir onde ela nasceu, levei quase um ano para rastrear o lugar onde acredito que esteja agora. Ao longo dos anos, houve muitas pistas falsas, que não levaram a nada. No entanto, dessa vez, seu pai tinha certeza de que sua fonte era confiável.

– Quem era essa fonte? – perguntou Maia.

– Ele não contou – respondeu Georg.

– Se for mesmo a irmã desaparecida, é uma pena que, depois de todos esses anos de busca, ela só seja encontrada um ano após a morte de Pa – lamentou Maia, e suspirou.

– Não seria maravilhoso se *fosse* ela e pudéssemos trazê-la de volta para Atlantis a tempo de embarcar no *Titã* e deixar a coroa de flores para ele? – sugeriu Ally.

– Seria mesmo. – Maia sorriu. – Embora haja um grande problema. De acordo com suas informações, Georg, “Mary” não mora aqui perto. E partiremos para o nosso cruzeiro até a Grécia em menos de três semanas.

– Sim, e infelizmente estou com a agenda muito ocupada no momento – disse Georg. – Caso contrário, eu mesmo iria procurar Mary.

Como se para ressaltar o que acabara de afirmar, o celular de Georg tocou. Ele pediu licença e saiu da mesa.

– Posso sugerir uma coisa? – disse Ma, quebrando o silêncio.

– Claro, Ma – respondeu Maia.

– Como Georg falou ontem à noite que Mary atualmente vive na Nova Zelândia, fiz algumas perguntas hoje de manhã para ver qual é a distância de Sydney a Auckland. Porque...

– Ceci está na Austrália! – exclamou Maia. – Pensei nisso ontem à noite também.

– É um voo de três horas até Auckland – continuou Ma. – Se Ceci e sua amiga Chrissie partirem um dia antes do que estão planejando, talvez possam fazer um desvio para a Nova Zelândia e verificar se essa Mary é quem Georg acha que é.

– É uma ótima ideia, Ma – concordou Ally. – Só não sei se Ceci faria isso. Eu sei que ela odeia voar.

– Se explicarmos tudo direitinho, tenho certeza de que ela toparia – disse Ma. – Seria tão especial que a irmã desaparecida fosse ao memorial do seu pai...

– A questão é a seguinte: essa Mary sabe sobre Pa Salt e nossa família? – indagou Ally. – Ultimamente tem sido raro nós todas nos reunirmos. Parece que é o momento perfeito, quero dizer, se ela realmente *for* quem Georg acredita que é. E se ela estiver disposta a nos encontrar, é claro. Agora, acho que a primeira coisa a fazer é entrar em contato com Ceci o mais rápido possível, porque já é noite na Austrália.

– E nossas outras irmãs? – perguntou Maia. – Quero dizer, devemos contar a elas?

– Boa pergunta – retrucou Ally. – Vamos mandar um e-mail para Estrela, Tiggy e Electra contando tudo o que está acontecendo. Maia, você quer ligar para Ceci ou prefere que eu ligue?

– Pode ligar, Ally. Acho que vou me deitar um pouquinho antes do almoço, se vocês não se importarem. Ainda estou me sentindo meio enjoada.

– Coitadinha – disse Ma, levantando-se. – Você parece mesmo meio pálida.

– Vou entrar com você e ligar para Ceci – decidiu Ally. – Vamos torcer para que ela não esteja viajando pelo Outback para pintar com o avô. Parece que não tem nenhum sinal de celular no chalé dele.

Claudia apareceu na varanda, vinda da cozinha.

– Vou começar a preparar o almoço. – Ela se virou para Georg, que tinha caminhado de volta para a mesa. – Você almoça conosco?

– Não, obrigado. Tenho alguns assuntos urgentes para resolver e preciso partir imediatamente. O que ficou decidido? – indagou ele a Ma.

Enquanto Ally e Maia deixavam a varanda, Ally percebeu que gotas de suor haviam surgido na testa de Georg e que ele parecia distraído.

– Vamos falar com Ceci para ver se ela pode ir até lá. Georg, você tem certeza de que ela é a irmã desaparecida? – perguntou Ma.

– Fui convencido por outras pessoas que sabem com certeza – respondeu ele. – Bem, eu gostaria muito de ficar e conversar mais, só que preciso ir.

– As garotas vão conseguir resolver tudo, Georg. São mulheres adultas agora, e muito capazes. – Ma tocou o braço de Georg em um gesto tranquilizador. – Tente relaxar. Você parece muito tenso.

– Vou tentar, Marina, vou tentar – concordou ele, com um suspiro.



Ally pegou o número do celular de Ceci em sua agenda e foi até o telefone no corredor.

– Vamos lá, vamos lá... – sussurrou ela enquanto chamava cinco ou seis vezes. Sabia que era inútil deixar uma mensagem para Ceci, pois ela raramente as ouvia. – Caramba – murmurou quando a ligação caiu na caixa postal de Ceci.

Depois de desistir, ela estava prestes a subir para alimentar Bear quando o telefone tocou.

– Alô?

– Alô, é Ma?

– Ceci! Sou eu, Ally. Muito obrigada por ligar de volta.

– Sem problema, eu vi que era o número de Atlantis. Está tudo bem?

– Sim, tudo bem por aqui. Maia chegou ontem, e estou bem feliz em vê-la. Quando exatamente é o seu voo para Londres, Ceci?

– Vamos sair de Alice Springs depois de amanhã, em direção a Sydney. Acho que eu mencionei que vamos parar em Londres primeiro, por alguns dias, para resolver a venda do meu apartamento e visitar Estrela, né? Estou morrendo de medo do voo, como sempre.

– Eu sei, mas escute, Ceci... Georg trouxe algumas notícias... Não se preocupe, não é nada ruim, mas é uma grande notícia, ou pelo menos pode ser.

– O que é?

– Ele conseguiu algumas informações sobre... nossa irmã desaparecida. Ele acha que ela pode estar vivendo na Nova Zelândia.

– Você quer dizer a famosa Sétima Irmã? Uau! – Ceci respirou fundo. – Isso é que é notícia. Como Georg a encontrou?

– Não sei muito bem. Você sabe como ele é reservado. Então...

– Você quer que eu vá até a Nova Zelândia para conhecê-la, não é?

– Acertou na mosca, Sherlock. – Ally sorriu. – Eu sei que a sua viagem vai ficar um pouco mais longa, mas você está mais perto dela. Seria tão maravilhoso tê-la conosco quando deixarmos a coroa de flores para Pa.

– Seria mesmo, mas não sabemos nada sobre essa pessoa. Será que ela sabe alguma coisa sobre nós?

– A gente não tem certeza. Georg disse que só tem o nome e o endereço. Ah! E o desenho de um anel que prova que é ela.

– Qual é o endereço? Quero dizer, a Nova Zelândia é um país bem grande.

– Não tenho o endereço aqui, mas posso pedir para Georg lhe passar. Georg? – Ally acenou quando ele surgiu da cozinha, a caminho da porta da frente. – Estou falando com Ceci. Ela quer saber o endereço de Mary na Nova Zelândia

– Mary? É esse o nome dela? – perguntou Ceci.

– Pelo visto, sim. Eu vou passar para o Georg.

Ally ouviu enquanto Georg lia o endereço.

– Obrigado, Ceci – disse ele. – Todos os custos serão cobertos pelo fundo. Giselle, minha secretária, reservará as passagens. Agora vou passar de volta para sua irmã, pois preciso ir. – Ao entregar o telefone para Ally, ele acrescentou: – Você tem o número do meu escritório, entre em contato com Giselle se precisar de alguma coisa. Por enquanto, *adieu*.

– Está bem. Oi, Ceci – disse Ally, acenando para Georg enquanto ele saía pela porta da frente. – Você sabe onde na Nova Zelândia fica esse lugar?

– Espere. Vou perguntar a Chrissie.

Houve uma conversa abafada antes de Ceci voltar ao telefone.

– Chrissie falou que fica bem na Ilha Sul. Ela acha que podemos voar para Queenstown saindo de Sydney, o que é bem mais fácil do que ir até Auckland. Vamos pesquisar.

– Ótimo. Então você topa? – perguntou Ally.

– Você me conhece, eu amo viagem e aventura, mesmo quando envolve

aviões. Nunca fui à Nova Zelândia, então vai ser divertido conhecer um pouquinho o lugar.

– Perfeito! Obrigada, Ceci. Me mande os detalhes por e-mail e a secretária de Georg reservará os voos. Envio também uma foto do desenho do anel.

– Está bem. Estrela já sabe de tudo isso?

– Não, nem Electra nem Tiggy. Vou mandar um e-mail para elas agora.

– Estrela vai me ligar daqui a pouco para falar sobre o nosso encontro em Londres, então posso contar a ela. Que emocionante, né?

– Será emocionante se for mesmo *ela*. Até logo, Ceci. Mantenha contato.

– Tchau, Ally, a gente se fala em breve!

CONHEÇA OUTRO LIVRO DA AUTORA

A sala das borboletas

Posy Montague está prestes a completar 70 anos. Ela ainda vive na Admiral House, a mansão da família onde passou uma infância idílica caçando borboletas com o pai e onde criou os próprios filhos. Porém, a casa está caindo aos pedaços e Posy sabe que chegou a hora de vendê-la.

Em meio a essa angustiante decisão, ela precisa lidar com os dois filhos, tão diferentes entre si. Sam é um fracasso nos negócios e, a cada empresa falida, se torna um homem mais amargo. Já Nick, o mais novo, retorna de repente à Inglaterra depois de dez anos morando na Austrália, fugido de uma decepção amorosa.

Para completar, Posy reencontra Freddie, seu primeiro amor, que agora deseja explicar por que a abandonou cinquenta anos atrás. Ela reluta em acreditar nessa súbita afeição, percebendo que ele tem um segredo devastador para revelar.

Mesclando narrativas do presente e do passado, *A sala das borboletas* mais uma vez mostra a habilidade de Lucinda para criar uma saga familiar inesquecível.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A garota italiana
A árvore dos anjos
O segredo de Helena
A casa das orquídeas
A carta secreta
A garota do penhasco
A sala das borboletas
A rosa da meia-noite

SÉRIE AS SETE IRMÃS

As Sete Irmãs
A irmã da tempestade
A irmã da sombra
A irmã da pérola
A irmã da lua
A irmã do sol
A irmã desaparecida

Para descobrir a inspiração por trás da série e ler sobre as histórias, lugares e pessoas reais deste livro, consulte www.lucindariley.com.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site e siga as nossas redes sociais. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

